

---

# POESIA

---

Trabalho realizado por: Maria Miguel 8ºD

---

# PREFÁCIO

---

Ideias e sentimentos. Emoções e convicções.

Este prefácio não é mais do que uma viagem poética através dos séculos XV a XXI em que vamos encontrar autores com vidas e personalidades diferentes -características fundamentais e muito importantes para entender as suas obras.

O *e-book* inicia com Sá de Miranda (século XV), poeta subtil, observador, capaz de *“surpreender, com rara felicidade”*, aspetos e situações do quotidiano e em cuja poesia se encontra presente um valor estético. As suas intenções eram inovadoras e moralistas. Segue com Almeida Garrett (séculos XVIII–XIX), figura cimeira do romantismo em Portugal. Formulou ideias fecundas e ainda atuais e apontou com perspicácia os caminhos do futuro. Em Nicolau Tolentino (século XVIII), *“o satírico”*, vamos encontrar um cronista de costumes. O poema *herói-cómico* talvez seja o género mais adequado à sua poesia. Passamos por Bocage (século XVIII), poeta pré-romântico nas ideias, no sentir e na estética literária. Na sua poesia há introspeção, ausência e *“gritos de alma”*. João de Deus (século XIX) impõe-se, quando o ultra -romantismo começava a desaparecer, pela sua altitude do sentimento, a simplicidade da inspiração e a naturalidade da linguagem. Vamos, de seguida, encontrar em Antero de Quental (século XIX) um homem de espírito inconformista, era um poeta revolucionário e para ele a poesia tinha uma missão social. A seguir, surge-nos Cesário Verde, uma das personalidades mais originais, mais renovadoras da poesia portuguesa do século XIX. É um poeta que ama a cidade, os grandes centros, mas que deixa entrever o desejo de uma vida mais sã, mais pura. Seguimos com Guerra Junqueiro (séculos XIX-XX). Na sua obra estão presentes tendências religiosas e preocupações sociais. Cativante pelo modo comovido como exprime sentimentos, é lembrado como *“génio”* e *“poeta da raça”*. Também, nesta viagem, nos aparece António Nobre (século XIX), homem de sensibilidade mais que de reflexão. Toda a sua poesia é rigorosamente feita para se ouvir e é cheia de melodia e ritmo.

Falta, apenas, referir um poeta, Camões, cujos poemas aparecem em segundo lugar neste *e-book* e uma *“aprendiza”* de poesia, Maria Miguel, que aparece no final. Deixei-os para o fim porque o primeiro é considerado o mais célebre dos escritores portugueses e a segunda é uma jovem aspirante a *“poetisa”*, aluna do oitavo ano, em início de carreira.

Luís de Camões (século XVI) é considerado o *“príncipe dos poetas”*. É como Hernâni Cidade escreveu: *“Um único ser que se realiza em plenitude, sentindo o que pensa, pensando o que sente, criando simultaneamente as mais belas formas de tudo exprimir e surpreendendo-nos por fim com o milagroso mistério da poesia, pelo qual toda esta maravilha sai pela boca transformada em canto”*.

A viagem finaliza com um poema visual e um autorretrato, poemas elaborados com especial cuidado por Maria Miguel (século XXI) e em quem se vislumbra, desde já, algum talento e destreza.

Porto, maio de 2021

*Isabel Almeida*

---

# SÁ DE MIRANDA

---

## *Comigo me desavim*

Comigo me desavim,  
Sou posto em todo perigo,  
Não posso viver comigo  
Nem posso fugir de mim.

Com dor da gente fugia,  
Antes que esta assi crecesse:  
Agora já fugiria  
De mim, se de mim pudesse.  
Que meo espero ou que fim  
Do vão trabalho que sigo,  
Pois que trago a mim comigo  
Tamanho imigo de mim?



## *O Sol e Grande*

O sol é grande, caem co'a calma as aves,  
do tempo em tal sazão, que sói ser fria;  
esta água que d'alto cai acordar-m'-ia  
do sono não, mas de cuidados graves.  
Ó cousas, todas vãs, todas mudaves,  
qual é tal coraçãõ qu'em vós confia?  
Passam os tempos vai dia trás dia,  
incertos muito mais que ao vento as naves.

Eu vira já aqui sombras, vira flores,  
vi tantas águas, vi tanta verdura,  
as aves todas cantavam d'amores.

Tudo é seco e mudo; e, de mestura,  
também mudando-m'eu fiz doutras cores:  
e tudo o mais renova, isto é sem cura!



---

# LUÍS DE CAMÕES

---

## *Verdes são os campos*

Verdes são os campos

Verdes são os campos,  
De cor de limão:  
Assim são os olhos  
Do meu coração.

Campo, que te estendes  
Com verdura bela;  
Ovelhas, que nela  
Vosso pasto tendes,  
De ervas vos mantendes  
Que traz o Verão,  
E eu das lembranças  
Do meu coração.

Gados que pasceis  
Com contentamento,  
Vosso mantimento  
Não no entenderéis;  
Isso que comeis  
Não são ervas, não:  
São graças dos olhos  
Do meu coração.



## *Enquanto quis Fortuna que tivesse*

Enquanto quis Fortuna que tivesse

Enquanto quis Fortuna que tivesse  
Esperança de algum contentamento,  
O gosto de um suave pensamento  
Me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor que aviso desse  
Minha escritura a algum juízo isento,  
Escureceu-me o engenho co'o tormento,  
Para que seus enganos não disesse

Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos  
A diversas vontades! Quando lerdes  
Num breve livro casos tão diversos,

Verdades puras são e não defeitos;  
E sabeis que, segundo o amor tiverdes,  
Tereis o entendimento de meus versos.

---

# ALMEIDA GARRET

---

## Barca bela

Pescador da barca bela,  
Onde vais pescar com ela.  
Que é tão bela,  
Oh pescador?  
Não vês que a última estrela  
No céu nublado se vela?  
Colhe a vela,  
Oh pescador!  
Deita o lanço com cautela,  
Que sereia canta bela...  
Mas cautela,  
Oh pescador!  
Não se enrede a rede nela,  
Que perdido é remo e vela,  
Só de vê-la,  
Oh pescador!  
Pescador da barca bela,  
Inda é tempo, foge dela  
Foge dela  
Oh pescador!



## Destino

Quem disse á estrela o caminho  
Que ela há-de seguir no céu?  
A fabricar o seu ninho  
Como é que a ave aprendeu?  
Quem diz á planta  
E ao mundo verme que tece  
Sua mortalha de seda  
Os fios quem lhos enreda?  
Ensinou alguém á abelha  
Que no prado anda a zumbir  
Se à flor branca ou à vermelha  
O seu mel há-de ir pedir?  
Que eras tu meu ser, querida,  
Teus olhos a minha vida,  
Teu amor todo o meu bem...  
Ai! Não mo disse ninguém.  
Como a abelha corre ao prado,  
Como no céu gira a estrela,  
Como o todo o ente o seu fado  
Por instinto se revela,  
Eu no teu seio divino  
Vim cumprir o meu destino...  
Vim, que em ti só sei viver,  
Só por ti posso morrer.

---

# NICOLAU TOLENTINO

---

## *A Carnal Tentação Desenfreada*

A carnal tentação desenfreada  
Que ao sangue quente alta justiça pede,  
Fez com que eu, embrulhando-me na rede  
Subisse de uma puta a infame escada.

Ligeiras pulgas saltam de emboscada  
Fartando em mim de sangue humano a sede;  
Arde a vela pregada na parede,  
Já de antigos morrões afogueada.

Saiu da alcova a desgrenhada fúria  
Respirando venal sensualidade,  
Vil desalinho, sórdida penúria:

Muito pode a pobreza e a porquidade;  
Abati as bandeiras à luxúria  
Jurei no altar de Vénus castidade.



---

# BOCAJE

---

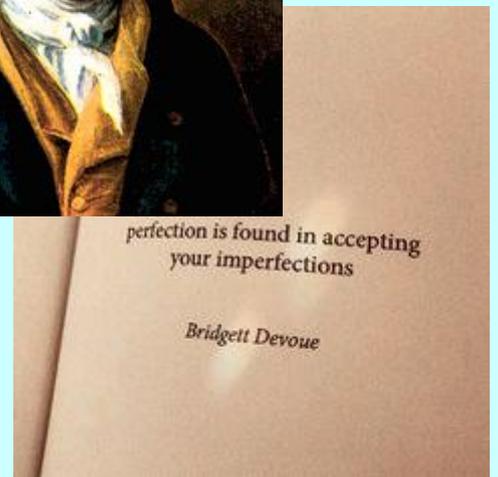
## *O autor aos seus versos*

Chorosos versos meus desentoados,  
Sem arte, sem beleza e sem brandura,  
Urdidos pela mão da Desventura,  
Pela baça Tristeza envenenados:

Vede a luz, não busqueis, desesperados,  
No mudo esquecimento a sepultura;  
Se os ditosos vos lerem sem ternura,  
Ler-vos-ão com ternura os desgraçados:

Não vos inspire, ó versos, cobardia  
Da sátira mordaz o furor louco,  
Da maldizente voz e tirania:

Desculpa tendes, se valeis tão pouco,  
Que não pode cantar com melodia  
Um peito de gemer cansado e rouco.



## *Invocação a Noite*

Ó deusa, que proteges dos amantes  
O destro furto, o crime deleitoso,  
Abafa com teu manto pavoroso  
Os importantes astros vigilantes:

Quero adoçar meus lábios anelantes  
No seio de Ritália melindroso;  
Estorva que os maus olhos do invejoso  
Turbem d'amor os sôfregos instantes:

Tétis formosa, tal encanto inspire  
Ao namorado Sol teu níveo rosto,  
Que nunca de teus braços se retire!

Tarda ao menos o carro à Noite oposto,  
Até que eu desfaleça, até que expire  
Nas ternas ânsias, no inefável gosto.



---

# JOÃO DE DEUS

---

## Beijo

Beijo na face

Pede-se e dá-se:

Dá?

Que custa um beijo?

Não tenha pejo:

Vá!

Um beijo é culpa,

Que se desculpa:

Dá?

A borboleta

Beija a violeta:

Vá!

Um beijo é graça,

Que a mais não passa:

Dá?

Teme que a tente?

É inocente...

Vá!

Guardo segredo,

Não tenha medo...

Vê?

Dê-me um beijinho,

Dê de mansinho,

Dê!

Como ele é doce!

Como ele trouxe,

Flor,

Paz a meu seio!

Saciar-me veio,

Amor!

Como ele é doce!

Como ele trouxe,

Flor,

Paz a meu seio!

Saciar-me veio,

Talvez te leve

O vento em breve,

Flor!

A vida foge,

A vida é hoje,

Amor!

Guardo segredo,

Não tenhas medo

Pois!

Um mais na face,

E a mais não passe!

Dois...

Oh! dois? piedade!

Coisas tão boas...

Vês?

Quantas pessoas

Tem a Trindade?

Três!

Três é a conta

Certinho, e justa...

Vês?

E que te custa?

Não sejas tonta!

Três!

Três, sim: não cuides

Que te desgraças:

Vês?

Três são as Graças,

Três as Virtudes;

Três.

As folhas santas

Que o lírio fecham,

Vês?

E não o deixam

Manchar, são... quantas?

Três!



## O dinheiro

O dinheiro é tão bonito,  
Tão bonito, o maganão!  
Tem tanta graça, o maldito,  
Tem tanto chiste, o ladrão!  
O falar, fala de um modo...  
Todo ele, aquele todo...  
E elas acham-no tão guapo!  
Velhinha ou moça que veja,  
Por mais esquiva que seja,

Tlim!

Papo.

E a cegueira da justiça  
Como ele a tira num ai!  
Sem lhe tocar com a pinça;  
E só dizer-lhe: «Aí vai...»  
Operação melindrosa,  
Que não é lá qualquer coisa;  
Catarata, tome conta!  
Pois não faz mais do que isto,  
Diz-me um juiz que o tem visto:

Tlim!

Pronta.

Nessas espécies de exames  
Que a gente faz em rapaz,  
São milagres aos enxames  
O que aquele demo faz!  
Sem saber nem patavina  
De gramática latina,  
Quer-se um rapaz dali fora?  
Vai ele com tais falinhas,  
Tais gaifonas, tais coisinhas...

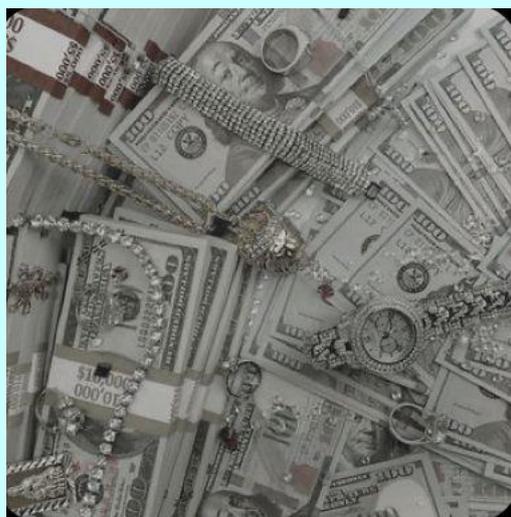
Tlim!

Ora...

Aquela fisionomia  
É lábia que o demo tem!  
Mas numa secretaria  
Aí é que é vê-lo bem!  
Quando ele de grande gala,  
Entra o ministro na sala,  
Aproveita a ocasião:  
«Conhece este amigo antigo?»  
— Oh, meu tão antigo amigo!

(Tlim!)

Pois não!



---

# ANTERÔ DE QUENTAL

---

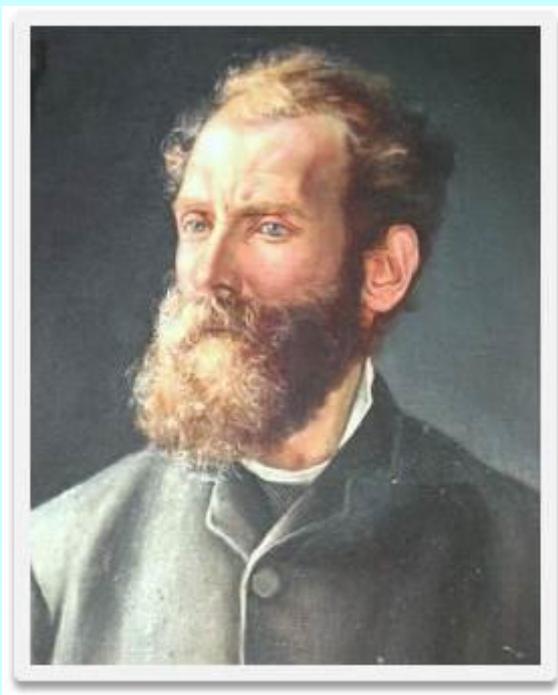
## *Hino a razas*

Razão, irmã do Amor e da justiça,  
Mais uma vez escuta a minha prece.  
É a voz dum coração que te apetece,  
Duma alma livre só a ti submissa.

Por ti é que a poeira movediça  
De astros, sóis e mundos permanece;  
E é por ti é que a poeira movediça  
E a flor do heroísmo medre e viça.

Por ti, na arena trágica, as nações  
Buscam a liberdade entre clarões;  
E os que olham o futuro e cismam, mudos,

Por ti podem sofrer e não se abatem,  
Mãe de filhos robustos que combatem  
Tendo o teu nome escrito em seus escudos!



## *Idílio*

Quando nós vamos ambos, de mãos dadas,  
Colher nos vales lírios e boninas,  
E galgamos dum fôlego as colinas  
Dos rocios da noite inda orvalhadas;

Ou, vendo o mar das ermas cumeadas  
Contemplamos as nuvens vespertinas,  
Que parecem fantásticas ruínas  
Ao longo, no horizonte, amontoadas:

Quantas vezes, de súbito, emudeces!  
Não sei que luz no teu olhar flutua;  
Sinto tremer-te a mão e empalideces

O vento e o mar murmuram orações,  
E a poesia das coisas se insinua  
Lenta e amorosa em nossos corações.

---

# CESÁRIO VERDE

---

*Eu e ela*

Cobertos de folhagem, na verdura,  
O teu braço ao redor do meu pescoço,  
O teu fato sem ter um só destroço,  
O meu braço apertando-te a cintura;

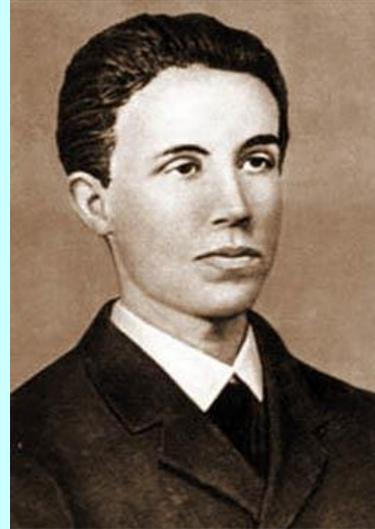
Num mimoso jardim, ó pomba mansa,  
Sobre um banco de mármore assentados.  
Na sombra dos arbustos, que abraçados,  
Beijarão meigamente a tua trança.

Nós havemos de estar ambos unidos,  
Sem gozos sensuais, sem más ideias,  
Esquecendo para sempre as nossas ceias,  
E a loucura dos vinhos atrevidos.

Nós teremos então sobre os joelhos  
Um livro que nos diga muitas cousas  
Dos mistérios que estão para além das lousas,  
Onde havemos de entrar antes de velhos.

Outras vezes buscando distração,  
Leremos bons romances galhofeiros,  
Gozaremos assim dias inteiros,  
Formando unicamente um coração.

Beatos ou pagãos, vida à paxá,  
Nós leremos, aceita este meu voto,  
O Flos-Sanctorum místico e devoto  
E o laxo Cavalheiro de Flaublas...



---

# GUERRA JUNQUEIRO

---

## *Regresso ao lar*

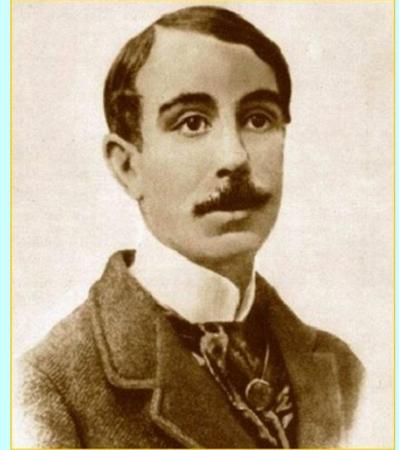
Ai, há quantos anos que eu parti chorando  
Deste meu saudoso, carinhoso lar!...  
Foi há vinte?...há trinta? Nem eu sei já quando!...  
Minha velha ama, que me estás fitando,  
Canta-me cantigas para eu me lembrar!...  
Dei a volta ao mundo, dei a volta á vida...  
Só achei enganoso, decepções, pesar...  
Oh! a ingénua alma tão desiludida!  
Minha vela ama, com voz dorida,  
Canta-me cantigas de me adormentar!...  
Trago damargura o coração desfeito...  
Vê que fundas mágoas no embaciado olhar!  
Nunca eu saíra do meu ninho estreito!...  
Minha velha ama que me deste peito,  
Canta-me cantigas para me embalar!...  
Pôs-me Deus outrota no frouxel do ninho  
Pedrarias dastros, gemas de luar...  
Tudo me roubaram, vê, pelo caminho!...  
Canta-me cantigas de fazer chorar!  
Como antigamente, no regaço amado,  
(Venho morto, morto!...) deixa-me deitar!  
Ai, o teu menino como está mudado!  
Minha velha ama, como está mudado!  
Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar!...  
Cante-me cantigas, manso, muito manso...  
Tristes, muito tristes, como à noite o mar...  
Canta-me cantigas para ver se alcanço  
Que a minha alma durma, tenha paz, descanso,  
Quando a Morte, em breve, ma vier buscar!...



---

# ANTÓNIO NOBRE

---



## *A luz da lua*

Iamos sós pela floresta amiga,  
Onde em perfumes o luar se evola,  
Olhando os céus, modesta rapariga!  
Como as crianças ao sair da escola.

Em teus olhos dormentes de fadiga,  
Meio cerrados como o olhar da rola,  
Eu ia lendo essa balada antiga  
D'uns noivos mortos ao cingir da estola...

A Lua-a-Branca, que é tua avozinha,  
Cobria com os seus os teus cabelos  
E dava-te um aspeto de velhinha!

Que linda eras, o luar que o diga!  
E eu compondo estes versos, tu a lel-os,  
E ambos cismando na floresta amiga...



## *Paz*

E a Vida foi, e é assim, e não melhora.  
Esforço inutil, crê! Tudo é illusão...  
Quantos não scismam n'isso mesmo a esta hora  
Com uma taça, ou um punhal na mão!

Mas a Arte, o Lar, um filho, Antonio? Embora!  
Chymeras, sonhos, bolas de sabão.  
E a tortura do *além* e quem lá mora!  
Isso é, talvez, minha unica afflicção...

Toda a dor pode suspportar-se, toda!  
Mesmo a da noiva morta em plena boda,  
Que por mortalha leva... essa que traz...

Mas uma não: é a dor do pensamento!  
Ai quem me dera entrar n'esse convento  
Que ha além da Morte e que se chama *A Paz!*



---

# MARIA MIGUEL

---

## *Autorretrato*

Magra, de olhos âmbar, carão moreno  
Bem servido de pés, alta em altura,  
Feliz de face, o mesmo da figura  
Nariz baixo no médio e não comprido

Incapaz de assistir num só terreno  
Mais propensa á ternura  
Bebendo em escuras mãos, por taça  
branca

Eis Maria, em que luz algum talento  
Saíram dela estas verdades  
Num dia em que se achou mais  
pachorrenta.



## *A lua*

A lua nas suas diferentes fases  
Exprime sentimentos invulgares  
Ora está esplendorosa  
Ora está receosa  
Do que está a acontecer  
A todos os seres.



---

# POSFÁCIO

---

Este ebook é o resultado final da atividade proposta pela professora de português, sobre poesia. É uma pequena viagem poética através dos séculos XV a XXI em que vamos encontrar autores com vidas e personalidades diferentes.

A poesia brinca com a linguagem, com rimas e ritmos, enriquece a nossa criatividade e transporta-nos para um mundo diferente. A poesia é a melhor forma de expormos os nossos sentimentos e as nossas emoções.

Fazer este ebook foi muito enriquecedor, porque me permitiu conhecer outros poemas dos autores estudados na aula, incentivou-me a ler mais poesia e a explorar outras ferramentas de edição.

Termino com um profundo agradecimento à professora Isabel Almeida por ter escrito o meu prefácio